



RELICI

## ANÁLISE FÍLMICA DE ELYSIUM: A INSTRUMENTALIZAÇÃO DO SER HUMANO<sup>1</sup>

*Luana Jéssica Oliveira Carmo<sup>2</sup>*

*Danielly Mendes dos Santos<sup>3</sup>*

*Ludmila de Vasconcelos Machado Guimarães<sup>4</sup>*

*Lílian Bambirra de Assis<sup>5</sup>*

*Admardo Bonifácio Gomes Junior<sup>6</sup>*

### RESUMO

Esse artigo teve como objetivo discutir sobre a instrumentalização do ser humano no filme Elysium, se apoiando principalmente nas ideias de Marcuse (1973, 1981, 1999). Para tanto, o referencial teórico abordou alguns dos conceitos desse autor frankfurtiano, como a sobreposição do princípio da realidade ao princípio do prazer, bem como a primazia das falsas necessidades em relação às verdadeiras. A metodologia utilizada foi a análise fílmica. Foram escolhidas algumas cenas do filme Elysium para retratar a instrumentalização do homem na sociedade unidimensional. A contribuição do trabalho situa-se em provocar uma reflexão acerca da dominação da sociedade unidimensional, que, apoiada no discurso gerencialista das organizações inverte fins e meios, transformando o ser humano em um mero instrumento, um meio para se alcançar o fim que é o lucro.

**Palavras-Chave:** Dominação; Sociedade unidimensional; Instrumentalização; Princípio da realidade; Falsas necessidades.

### ABSTRACT

This paper had as objective to discuss about the instrumentalization of the human being in the film Elysium, relying mainly on the ideas of Marcuse (1973, 1981, 1999). Therefore, the theoretical reference has addressed some of the concepts of this Frankfurtian author, such as the overlapping of the principle of reality to the principle

---

<sup>1</sup> Recebido em 13/02/2019.

<sup>2</sup> Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. luanajeoli@gmail.com

<sup>3</sup> Universidade Federal de Minas Gerais. dannymendes canal@gmail.com

<sup>4</sup> Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. ludmilavmg@gmail.com

<sup>5</sup> Universidade Federal de Minas Gerais. lilianbassis@hotmail.com

<sup>6</sup> Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. admardo.jr@gmail.com



RELICI

5

of pleasure, as well as the primacy of false needs in relation to truth. The methodology used was the film analysis. Some scenes from the film *Elysium* were chosen to portray the instrumentalisation of man in a one-dimensional society. The contribution of this work is to provoke a reflection on the domination of the one-dimensional society, that, based on the managerial discourse of organizations, inverts ends and means, transforming the human being into a mere instrument, a means to achieve the end that is the profit.

**Keywords:** Domination; One-dimensional society; Instrumentalization; Principle of reality; False needs.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho teve como objetivo discutir sobre a instrumentalização do ser humano no filme *Elysium*, se apoiando principalmente nas ideias de Marcuse (1973, 1981, 1999). Marcuse (1989-1979) foi um sociólogo e filósofo frankfurtiano que desenvolveu seus estudos voltados para a teoria crítica das organizações. Em sua obra *A ideologia da Sociedade Industrial – o homem unidimensional*, o autor critica essa sociedade denominada unidimensional ou industrial, por ser pautada na lógica do mercado e por funcionar como um sistema de dominação.

A sociedade unidimensional defendida por Marcuse (1973) cria falsas necessidades e impede que ideais opostos aos seus se desenvolvam. Dessa forma, a dominação do homem e da natureza fazem parte do denominado princípio da realidade. Esse se sobrepõe ao princípio do prazer, impondo como principais valores o trabalho, a produtividade e a segurança, em detrimento do lúdico e do prazer (MARCUSE, 1973, 1981).

Essa forma de dominação pautada nos valores capitalistas suprime a subjetividade do sujeito em prol do progresso. Assim, os homens se submetem a necessidades falsas de forma alienada, o que dificulta a retomada de consciência e emancipação necessárias à recusa a essa ordem dominante (MOTTA; MARANHÃO, 2009). Esse posicionamento de oposição segundo Marcuse (1979), só é possível pela tomada de consciência da necessidade de libertação.



RELICI

6

Entretanto, a sociedade unidimensional se desenvolve e se afirma sobre a exploração do trabalho alienado com o objetivo de fortalecer e manter a posição de grupos privilegiados. As organizações representam o lócus para o desenvolvimento de ações de repressão ao princípio do prazer (DRAGO, 1992).

A lógica dominante da sociedade unidimensional é sustentada principalmente pelo discurso gerencialista dentro das organizações. Esse discurso tem o objetivo de canalizar a energia psíquica e transformá-la em força de trabalho. A ideologia gerencialista contaminou também outras esferas, como a política e a família (GAULEJAC, 2007).

O discurso gerencialista inverte meios em fins, conferindo à sociedade e ao indivíduo o papel de meio para que a lógica do lucro se sustente. Isso dá espaço ao império da racionalidade instrumental (LINHARES, 2014). É esse triunfo da razão instrumental que faz com que a sociedade e o homem funcionem de maneira unidimensional. Elegendo apenas uma forma de conhecimento válida, como se só fosse possível pensar o mundo de maneira impassível e imparcial, neutra, fria e indiferente. O conhecimento passa a ser “válido” somente se for útil. Assim, homens são transformados em recursos, mercadorias ou instrumentos (GIOVINAZZO JR., 2007).

O filme *Elysium* foi escolhido para ser utilizado como uma ilustração dessa discussão, pois apresenta o ser humano como um instrumento e a sociedade pautada na lógica do mercado.

O artigo foi estruturado em quatro seções além dessa introdução. A moldura teórica desse trabalho se apoiou principalmente nos conceitos de Marcuse (1973, 1981, 1999) sobre o princípio do prazer e o princípio da realidade, as verdadeiras e falsas necessidades, além de abordar brevemente sobre o trabalho alienado.

Além disso, o referencial teórico também abordou a crítica ao discurso gerencialista se valendo das ideias de Gaulejac (2007), seguido da discussão sobre



RELICI

7

a instrumentalização do ser humano e finalizando com a proposta de Marcuse (1999) sobre uma saída possível. A metodologia apresenta a análise fílmica, seguida da seção da análise e discussão das cenas. Após uma breve apresentação do filme *Elysium* passa-se à análise das cenas escolhidas para discutir sobre essa dominação exercida pela sociedade industrial sobre o homem, tornando-o um instrumento. Por fim as considerações finais apresentam as reflexões ocasionadas com o trabalho.

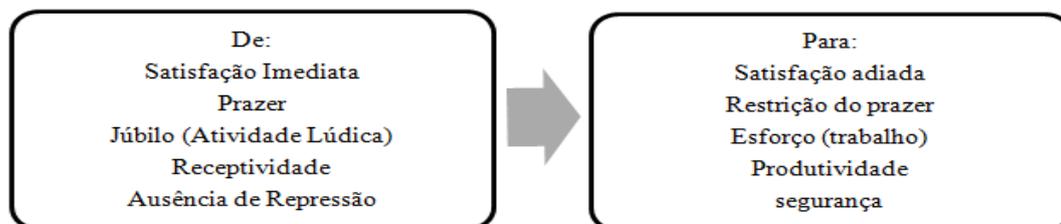
## REFERENCIAL TEÓRICO

### *O confronto entre o princípio do prazer e da realidade*

A sociedade moderna é totalitária e determina os comportamentos aceitáveis dos indivíduos. É o que afirma Drago (1992) baseado nas ideias de Marcuse (1973). A imposição dos valores dessa sociedade como valores que todos os homens devem perseguir impede o desenvolvimento de uma força oposta à ordem determinada. Por isso é chamada de sociedade unidimensional.

Em sua obra *Eros e Civilização*, Marcuse (1981) afirma que a transformação no sistema dominante de valores pode ser assim representada conforme o esquema 01:

### **Esquema 01: Transformação no sistema de valores na sociedade unidimensional**



Fonte: Marcuse (1981, p. 33).

O esquema 01 mostra como nesse sistema social, os instintos humanos são reprimidos. O homem adia sua satisfação e troca seus momentos lúdicos pelo



RELICI

8

trabalho, pela produtividade. Esses são os valores da sociedade industrial, baseada na lógica do lucro como fim mais importante. O homem, em estado de alienação, passa a desempenhar funções pré-estabelecidas, direcionando sua libido para desempenhos úteis. Os valores do sistema se tornam os seus valores individuais. O homem trabalha para o sistema em atividades que muitas vezes não atendem aos seus desejos (MARCUSE, 1981, p. 57).

O que ocorre é uma inversão de valores, transformando o princípio do prazer no princípio da realidade. Nessa transformação ocorre a imposição de uma racionalidade imposta “de fora”. Nisso, o ser humano compreende de forma traumática que a gratificação de suas necessidades não ocorrerá sem dor. O princípio da realidade supera o princípio do prazer levando à repressão social (MARCUSE, 1981).

Essa forma de repressão se diferencia da repressão básica necessária à sobrevivência humana, já que a primeira tem como objetivo legitimar a macroestrutura coercitiva inaugurada com o modelo econômico capitalista (MOTTA; MARANHÃO, 2009).

Esse é um modelo de dominação que faz com que prevaleça uma pseudo-individualidade. O sujeito, dissolvido pelo capitalismo, tem sua subjetividade suprimida. O homem unidimensional de Marcuse (1994) é a representação desses sujeitos egoístas que perseguem apenas interesses privados, sem a consciência de que sua escravidão reside justamente nesse isolamento planejado a favor de certos interesses (MOTTA; MARANHAO, 2009).

A dominação difere do exercício racional de autoridade. Este último, que é inerente a qualquer divisão de trabalho numa sociedade, deriva do conhecimento e limita-se à administração de funções e arranjos necessários ao progresso do todo. Em contraste, a dominação é exercida por um determinado grupo ou indivíduo, a fim de se manter e consolidar numa posição privilegiada. Tal dominação não exclui o



RELICI

9

progresso técnico, material e intelectual, mas apenas como um produto marginal, enquanto se preservam a carência, a escassez e a coação irracionais (MARCUSE, 1981).

Para Marcuse (1981), os interesses específicos da dominação, pautados no princípio de realidade introduzem controles adicionais acima e além dos indispensáveis à associação civilizada humana. Esses interesses específicos da dominação fazem com que o sistema produtivo esteja atrelado à satisfação das falsas necessidades.

#### *As necessidades falsas e verdadeiras e o trabalho alienado*

O poder da sociedade contemporânea está pautado na necessidade de exploração do trabalho alienado (DRAGO, 1992). Assim, são impostas falsas necessidades, que atrasam e dificultam o processo de emancipação do ser humano (MOTTA; MARANHÃO, 2009). Drago (1992) afirma que o foco de Marcuse repousa sobre a alienação do ser humano na sociedade industrial. A alienação do homem na sociedade industrial repousa-se na tecnologia, na ciência e na lógica. Por isso para Marcuse (1973) a tecnologia é uma força policial.

A tecnologia garante a racionalização da não liberdade do homem e demonstra que é impossível alcançar a autonomia para guiar sua própria vida. Peixoto (2011), utilizando as ideias de Marcuse (1973), afirma que a tecnologia é utilizada para “doutrinar” os indivíduos de acordo com a hegemonia do capital. A própria máquina reduz a autonomia do trabalhador, domina o trabalhador. Esse, antes poderia parar o processo que o ameaçava de aniquilamento como ser humano, mas agora, isso não pode mais ser feito (MARCUSE, 1973).

A força dessa dominação alienada impede a visualização e o desenvolvimento de formas alternativas à ordem estabelecida. É o que criticam Giovinazzo Jr. (2007) e Drago (1992). Para Giovinazzo Jr. (2007), essa imposição



RELICI

10

funciona como uma “prisão dos seres humanos ao reino da necessidade”. É a força que sustenta o poder dominante (GIOVINAZZO JR., 2007).

É necessário analisar se essas necessidades vêm do próprio ser humano ou se lhe são impostas. Somente o indivíduo em um estado de liberdade poderá distinguir entre as falsas e as verdadeiras necessidades. Enquanto vigorar essa incapacidade de libertação, enquanto os indivíduos forem doutrinados e manipulados, a solução desta questão não será capaz de ser tomada como sua (GIOVINAZZO JR., 2007).

O fim se torna os meios, já que o tempo dedicado ao trabalho alienado absorve o tempo para as necessidades individuais, redefinindo assim as próprias necessidades. Essa inversão de valores atinge todas as esferas. A técnica é a base do progresso e a racionalidade tecnológica estabelece o padrão mental e comportamental para o desempenho produtivo (MARCUSE, 1981).

Até mesmo a liberdade se torna instrumento de repressão. A dominação assume a forma de administração. A razão tem como objetivo garantir a exploração cada vez mais efetiva da natureza e das potencialidades humanas. O pensamento se reduz a sinais e símbolos, convertendo-se em técnicas de cálculo e manipulação (MARCUSE, 1981), a chamada quantofrenia, a doença da medida, advinda do discurso gerencialista (GAULEJAC, 2007) conforme será abordado no próximo tópico.

### *A ideologia gerencialista e os escravos da civilização industrial*

As organizações funcionam como repressoras na sociedade unidimensional. Dito de outra forma, a organização é o local onde o trabalho alienado é explorado em nome da racionalidade do sistema. As organizações representam a micro estrutura da sociedade e são local privilegiado para a ação da repressão ao princípio do prazer (DRAGO, 1992 citando MARCUSE, 1973).



RELICI

A ideologia ou discurso gerencialista impõe seus interesses e faz com que estes sejam perseguidos por todos como um interesse comum. Além disso, a ideologia gerencialista tem a força de tornar o trabalhador o principal responsável por tudo o que lhe acontecer, inclusive pelos acidentes de trabalho, doenças, entre outros (GAULEJAC, 2007).

A ideologia gerencialista é uma mistura de regras racionais, prescrições, instrumentos de medida sofisticados e de técnicas de avaliações precisas. Entretanto, ela possui outra face, caracterizada por regras irracionais, prescrições irrealistas e julgamentos arbitrários. É constituída por uma racionalidade fria e objetiva (GAULEJAC, 2007).

Nesse contexto, o humano se torna um recurso a serviço da empresa. Os recursos humanos tornam-se ajustáveis de acordo com a lógica financeira, e nessa ideologia, esses recursos devem ser ajustados ao máximo. Se não estiverem além das expectativas, serão facilmente descartados (GAULEJAC, 2007). O discurso organizacional, apoiado no capitalismo, cria então novas formas de escravidão. Sobre isso, Marcuse (1973) afirma que:

Os escravos da civilização industrial desenvolvida são escravos sublimados, mas são escravos, porquanto a escravidão é determinada. Esta é a forma pura de servidão: existir como um instrumento, como uma coisa [...] (MARCUSE, 1973, P. 49).

De acordo com Oliveira, Valadão Junior e Miranda (2013), hoje em dia muito se utiliza a expressão “condições análogas à escravidão”. Mas para os autores, essa expressão não deve ser utilizada, pois é escravidão. Mesmo que não haja correntes presas aos pés dos funcionários, o que acorrenta o trabalhador é a falta de condições mínimas para viver, e o tratamento que recebe, como recursos facilmente descartáveis. Ferreira (2016) afirma que a condição de escravidão não está relacionada ao trabalho em si, mas sim à redução das pessoas a um instrumento.



RELICI

12

O poder gerencialista tem o objetivo de canalizar a energia psíquica e transformá-la em força de trabalho (GAULEJAC, 2007). Segundo esse autor, a ideologia gerencialista contaminou também a política, prevalecendo a lógica econômica do custo-benefício sobre os valores políticos. Para Marcuse (1973), a sociedade industrial é um universo político, que vê a experiência, a transformação e a natureza como meros materiais de dominação.

Para Giovinazzo Jr. (2007) e Gaulejac (2007), essa dominação permeia todas as instituições da sociedade, desde a família até a política. É o que Gaulejac (2007) chama de famílias produtoras de indivíduos produtores. Desde a infância, as pessoas são modeladas para o mercado de trabalho, com se esse fosse o único fim a ser perseguido. Marcuse (1979, p. 55) utiliza a expressão “ditadura educacional” para falar sobre a escola como instituição que mantém e facilita a dominação ao invés de desenvolver a autonomia dos indivíduos.

Esse discurso gerencialista favorece uma inversão de papéis, atribuindo aos resultados o papel de fim em si mesmo, conferindo à sociedade, e conseqüentemente aos sujeitos, o papel de meio para que a lógica financeira funcione, dando espaço ao império da racionalidade instrumental (LINHARES, 2014). O ser humano se torna então um instrumento.

### *O que é meio e o que é fim? A instrumentalização do ser humano*

De acordo com Giovinazzo Jr.(2007), a razão instrumental mutila os indivíduos colocando-os como meios para o processo de produção, juntamente com a natureza. A razão instrumental coloca o homem submetido ao reino da necessidade, retirando dele sua verdadeira liberdade de escolha. Essa imposição da razão instrumental traz a lógica da realidade imediata. Para Giovinazzo Jr. (2007), essa liberdade deve ser algo da sociedade em geral, não somente individual.



RELICI

13

Como já foi dito, a sociedade industrial funciona de acordo com a lógica de mercado. Os objetivos estabelecidos para seguir essa lógica são realizados por instituições que anulam o caráter libertador e esse processo não afeta somente os meios, mas também os fins (MARCUSE, 1973). Para Peixoto (2011), isso representa a primazia do mercado sobre as relações sociais.

Esse sistema totalitário é capaz de impor sua forma de funcionamento como a correta. Mas, de acordo com Marcuse (1973), não é um sistema totalitário terrorista. É uma forma de controle que opera através da manipulação das necessidades por interesses adquiridos. As tendências totalitárias e dominadoras da sociedade unidimensional tornam ineficazes o protesto, a oposição e qualquer movimento que vai contra o discurso dominante. Essa sociedade controla todas as dimensões da existência pública e privada, administrando os instintos humanos, coordenando-os para a coesão (PEIXOTO, 2011).

Tudo em nome do progresso! Para Marcuse (1973), o progresso tem fins específicos que tendem a melhorar a condição humana. Entretanto, o progresso dito nos discursos das organizações vem acompanhado da racionalização, que prediz a aceitação de uma única verdade, de uma única lógica, reduzindo a liberdade de pensamento. A sociedade industrial é organizada para a dominação cada vez mais do homem e da natureza. Essa racionalidade torna-se irracional ao criar novas dimensões da realização humana.

A dominação adquire o nome de administração, e o discurso é que ao permitir que essa administração atinja a vida, essa vida se torna uma “boa vida”, unindo os polos opostos. Esse mesmo discurso, em nome do progresso em troca de uma suave falta de liberdade (MARCUSE, 1973). Peixoto (2011) analisando as ideias de Marcuse (1973) afirma que essa é uma liberdade administrada, onde os instintos são reprimidos em busca do aumento da produtividade.



RELICI

14

Para ilustrar essa “boa vida” dita por Marcuse (1973), o autor dá o exemplo do funcionário que se vê em uma “boa vida” na medida em que consegue ter acesso aos mesmos bens e serviços que seu chefe. Isso não significa que não exista uma divisão de classes, mas sim que essa é mais uma forma de dominação para que o próprio funcionário não queira se libertar, já que acredita no discurso do progresso e da melhoria de vida proporcionada por essa forma de organização da sociedade. É esse tipo de alienação que dificulta o poder de recusa, já que o indivíduo não tem consciência da necessidade em mudar sua situação atual, já que acredita que suas necessidades estão satisfeitas (MARCUSE, 1973).

Isso é reflexo do triunfo da razão instrumental, que faz com que a sociedade e o homem funcionem de maneira unidimensional. Para Gaulejac (2007), isso se deve à ideologia gerencialista, marcada por um contexto cada vez mais paradoxal, levando os indivíduos a uma submissão livremente consentida. Apenas aquilo que é útil é válido. Como se só fosse possível pensar o mundo de maneira impassível e imparcial, neutra, fria e indiferente (GIOVINAZZO JR., 2007). Nessa única forma de ver o mundo, o homem abre mão de sua independência de pensamento, da crítica, e da autonomia, o que dificulta ainda mais o rompimento com a servidão e a conquista da libertação (MARCUSE, 1973).

O maior dos paradoxos é a utilização da liberdade como instrumento de dominação. Ao dotar o ser humano de escolhas, não significa que este seja livre, pois essas escolhas são relativas, condicionadas. A livre escolha entre uma ampla variedade de mercadorias e serviços não atribui ao ser humano a liberdade enquanto esses produtos e serviços sustentam uma lógica de dominação (MARCUSE, 1973). De acordo com Peixoto (2011), as necessidades dos indivíduos estão condicionadas e falsas necessidades são criadas de acordo com o interesse de grupos dominantes.



RELICI

15

A imposição de falsas necessidades está relacionada à crítica de Fridman (2014) à sociedade do consumo. Segundo o autor, há a inversão entre meios e fins na medida em que as coisas se personalizam e as pessoas se coisificam. Nessa sociedade tudo pode ser comprado e vendido, desde identidades, corpos perfeitos, afetividade e a felicidade. Nesse sentido, para Fridman (2014, p. 265):

Pode-se comprar o acesso à sensação de se ter 1 milhão de amigos em redes sociais ou produtos que garantem o “estar conectado” como índice de uma vida fluente e cheia de novidades. Ou mesmo os serviços de modelagem de corpos como passaporte à suposta perfeição que garante todos os gozos. Os exemplos são inumeráveis e há especialistas e produtos para cada desconforto de alma.

Sobre o consumo, Marcuse (1973, p. 29) caracteriza-o como o caráter racional da irracionalidade que vê-se nessa sociedade. As pessoas “se reconhecem em suas mercadorias; encontram sua alma em seu automóvel” e isso justifica o discurso pela produtividade e eficiência das organizações.

O mundo objetivo é transformado em uma extensão na mente e no corpo das pessoas, de forma a não mais questionarem a própria alienação, impossibilitando posições contrárias, pois a contradição é o que se torna irracional. O ser humano é levado a se identificar com essa sociedade para não ser excluído, o que Marcuse (1973) chama de *mimese*. Nesse sentido, o indivíduo se abstém de sua personalidade se torna nivelado: um homem unidimensional (PEIXOTO, 2011).

Desse modo, a racionalidade instrumental distancia cada vez mais o ser humano de sua libertação. O grande problema é que para alcançar essa liberdade, é necessária uma consciência da servidão, é o que Marcuse (1999) aborda como necessário para uma saída possível.

*A resistência ao sistema – Uma saída possível?*



RELICI

16

Motta e Maranhão (2009) afirmam que, de acordo com Marcuse (1997), o poder de emancipação não se situa no conhecimento, e sim em um movimento de reflexão coletiva onde os sujeitos tivessem a liberdade de escolha em não aceitarem mais a hegemonia dos interesses de um grupo privilegiado.

Para Marcuse (1999), a resistência ao sistema consiste em uma longa marcha através das instituições que integram e fazem cumprir as metas do sistema capitalista, buscando questioná-las e modificá-las (MOTTA; MARANHÃO, 2009). Sobre esse poder de recusa, Marcuse (1999, p. 145) afirma que:

Os seres humanos são maleáveis, corpo e mente, até mesmo em sua própria estrutura pulsional. Homens e mulheres podem ser computadorizados, transformando-se em robôs, sim - mas eles também podem se recusar a isso.

Marcuse (1999) já acreditava ser difícil estabelecer uma consciência não conformista ao sistema capitalista, entretanto, o autor afirma que mesmo pequenos grupos representam movimentos de reação à negligência em relação ao indivíduo que se encontra na prática política tradicional. Pois indicam tentativas de fuga, de despolitização, além de instaurar uma possibilidade de transformação social, ao penetrar na mente dos indivíduos (MOTTA; MARANHÃO, 2009).

Marcuse (1999, p. 183) expõe que a dificuldade em se estimular um pensamento anti-conformista situa-se no fato de que a sociedade de consumo se encontra enraizada nos indivíduos, independente da classe em que ocupa. Entretanto, de acordo com o autor, com o passar do tempo, as distâncias entre as classes, o aumento da contradição entre os ricos e miseráveis entrará na consciência dos indivíduos (MARCUSE, 1999).

Motta e Maranhão (2009) afirmam que Marcuse (1999) acreditava no potencial autônomo do indivíduo, que mesmo sendo sujeito à dominação imposta, poderia se tornar ativo no processo de mudança das relações de poder. Para isso é necessária uma mudança radical na estrutura de caráter dos indivíduos e também



RELICI

17

uma mudança nas instituições que integram a sociedade. Marcuse (1972) questiona as forças do capitalismo que transformam a negatividade em positividade. A capacidade de revigorar-se a cada crise, reafirmando sua dominação e incorporando novos adeptos e defensores (GIOVINAZZO JR., 2007).

## **METODOLOGIA**

Esse trabalho teve como objetivo analisar, por meio de uma análise fílmica de *Elysium*, a organização como forma de dominação. Para isso, foi adotada a metodologia de análise fílmica. Analisar um filme para Vanoye e Goliot-Lété (1994) e Penafria (2009) é decompor, desmontar e depois reconstruir o filme de acordo com uma ou várias opções a serem precisadas. Ou seja, analisar um filme significa evidenciar as partes mais importantes de acordo com um contexto delimitado, posteriormente determinar a relação entre esses elementos para no fim reconstruir como eles foram associados em um determinado filme.

Para realizar esta análise, os autores descrevem duas etapas. Primeiramente realiza-se a decomposição, onde a finalidade é separar elementos que não poderiam ser vistos a olho nu quando se toma o filme em sua totalidade. Significa separar cenas, sons, enfoques, cores, composições, sequências, entre outros. Posteriormente na segunda fase, busca-se a articulação desses elementos, neste momento o objetivo é compreender as estruturas e reconstruí-las a fim de perceber como esses elementos foram associados ao filme (VANOYE; GOLIOT-LÉTÉ, 1994; PENAFRIA, 2009).

O tratamento dos dados da pesquisa foi realizado através da análise de conteúdo. Segundo Bardin (2002, p. 42), a análise de conteúdo é um agrupamento de procedimentos de análise das comunicações, com o propósito de obter, através de mecanismos sistemáticos e objetivos indicadores, que possibilitem a interferência de conhecimentos pertinentes às mensagens.



RELICI

18

Para Bardin (2002), uma das funções primordiais da análise de conteúdo é o desvelar crítico, deste modo, a análise de conteúdo deixa de ser somente descritiva e passa a utilizar a inferência, que busca elucidar as origens das mensagens ou as implicações que ela pode provocar (BARDIN, 2002).

Desse modo, foram selecionadas algumas cenas do filme *Elysium* que retratassem a instrumentalização do ser humano perante a sociedade unidimensional para então prosseguir com a análise em tom crítico. A próxima seção consiste numa breve apresentação do filme e posteriormente das cenas selecionadas bem como a discussão que elas ilustram.

## **APRESENTAÇÃO DO FILME ELYSIUM**

*Elysium* é um filme de ficção científica e suspense, feito nos EUA e lançado em setembro de 2013. *Elysium* mostra duas realidades diferentes vividas pelos seres humanos no ano de 2159, de um lado indivíduos riquíssimos que vivem em uma estação espacial chamada *Elysium* e do outro, pessoas pobres que vivem na Terra que está totalmente degradada e com uma superpopulação.

O filme retrata as desigualdades existentes entre os indivíduos e os interesses econômicos por trás dessas relações. Os poucos moradores de *Elysium* detêm o controle da Terra e buscam através da luta por poder e da exploração dos trabalhadores manter sua vida luxuosa, enquanto os moradores da Terra buscam alternativas de sobrevivência sendo comandados por um cidadão que vive da exploração da esperança dos indivíduos que sonham com dias melhores.

## **ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS CENAS**

*“Gostaria de falar com um humano?”*



RELICI

19

Nessa cena, Max é obrigado a conversar com um agente de condicional, pois ele usa uma tornozeleira eletrônica e se envolveu em uma confusão com os robôs policiais. Interessante perceber que toda força policial na Terra é desenvolvida por robôs, ilustrando de forma metafórica o que Marcuse (1973) aborda sobre a tecnologia ser uma força policial.

A sociedade moderna é uma força totalitária que determina quais são os comportamentos aceitáveis dos indivíduos (MARCUSE, 1973). Isso é nítido na cena em que os policiais são robôs de alta tecnologia, e o agente da condicional também é um robô, mais simplificado, mas seu sistema operacional consegue detectar qualquer comportamento que foge ao aceitável, tentando sempre condicionar Max a ficar de acordo com os parâmetros estabelecidos. Ao detectar qualquer alteração, imediatamente ele oferece comprimidos para que ele volte ao padrão aceito naquela sociedade.

Dois aspectos chamam a atenção nesta cena, o agente condicional é um robô que se encontra em um estado de deterioração, com várias pichações, assim como todos os lugares da Terra. O outro aspecto é a apresentação do local de atendimento dos agentes de condicional se encontrar superlotado, ou seja, o agente de condicional que tem essa função de detectar qualquer desvio no comportamento tem muito trabalho em modelar aquelas pessoas de acordo com o padrão aceitável.

Este agente de condicional realiza perguntas a Max, como se seguisse um *script*, e antes que ele possa responder e explicar o ocorrido, o agente já diz tudo o que aconteceu na abordagem policial e já sentencia a extensão da sua condicional. Max tenta argumentar, mas o agente imediatamente diz para ele ficar calado e faz leituras sobre a personalidade dele, dizendo que ele tem grandes possibilidades de voltar a praticar delitos. Diante disso, Max tenta novamente se explicar, o agente então pergunta se ele quer falar com um humano, Max responde que não, o agente então faz uma leitura do seu tom de voz sugerindo que ele está sendo sarcástico e



RELICI

20

ofensivo e o ameaça de estar cometendo crime federal ao abusar de um agente condicional.

Neste momento fica claro o que Marcuse(1981) considera ser a dominação assumindo um papel de administração. A liberdade nesta sociedade também se torna um instrumento de dominação à medida que o pensamento se reduz a sinais e símbolos, garantindo através da manipulação, a exploração cada vez mais efetiva das potencialidades do ser humano (MARCUSE, 1981).

Além disso, essa cena mostra que o robô agente de condicional pode ser comparado a um trabalhador alienado, já que tem sua função pré-determinada. Não cabe a ele pensar ou compreender. Esta alienação, na visão de Giovanazzo Jr.(2007), é o triunfo da razão instrumental, pois elege somente uma forma de conhecimento válida, transformando tudo e todos em propriedade ou instrumento.

*“Obrigada pelo seu trabalho!”*

Max trabalha na construção de robôs na empresa Armadyne, cujo CEO é um cidadão de *Elysium*. Nota-se nas cenas um ambiente de trabalho insalubre onde avisos sonoros permeiam o ambiente dando orientações aos funcionários sobre os direitos e deveres no turno. Alguns dos avisos que destacam são: “Segurança é a nossa prioridade!”, “Informe qualquer atividade insegura ao seu supervisor” e outro sobre ser permitido somente ir ao banheiro uma vez por turno. Sobre a segurança ser a prioridade da empresa, tem-se a ideia de Marcuse (1981) sobre a transformação do princípio do prazer no princípio da realidade, onde o indivíduo troca a ausência de repressão pela segurança. A repressão é aceitável em troca da segurança.

Em um dia normal de trabalho, a porta que fecha a máquina de radiação emperra. O supervisor de Max percebe a situação e diz que Max terá que entrar na máquina. É a decisão tomada pensando no objetivo da empresa, continuar a



RELICI

21

produção, entretanto sem pensar nas consequências dessa decisão para o trabalhador. O supervisor nessa cena não analisou as alternativas viáveis, ele só viu a necessidade em dar continuidade à produção. Nisso, se vê o princípio da realidade se sobrepondo ao princípio do prazer e a dominação das falsas necessidades. Giovinazzo Jr. (2007) questiona como a totalidade é esmagadora de forma a coibir alternativas viáveis à ordem estabelecida. Para o autor, a imposição das necessidades é uma forma de conservar o poder dominante. Essa imposição funciona como uma “prisão dos seres humanos ao reino da necessidade”.

Max então se nega a entrar, pois sabe dos perigos que isso representa. Ele é ameaçado pelo seu supervisor com a perda de seu emprego. É o que Marcuse (1973) fala sobre a liberdade ser objeto de dominação, ser condicionada. Max tinha escolha, mas essa escolha era condicionada, se ele não entrasse na máquina, seria demitido, e ele precisava do trabalho para sobreviver. Diante de uma música de suspense, Max, acorrentado pela necessidade de se trabalhar (OLIVEIRA; VALADÃO JUNIOR; MIRANDA, 2013), aceita a ordem. Com um forte estrondo, a porta se fecha e ele fica preso dentro da máquina e recebe uma quantidade fatal de radiação.

Diante do acontecido Max é levado à enfermaria por um robô, que o atende realizando procedimentos obrigatórios para a situação, como informar o que aconteceu, recolher a assinatura de Max para entregar a medicação, e ao final, após informar que Max terá apenas mais cinco dias de vida, ele agradece o trabalho do mesmo: “Obrigada pelo seu trabalho!” Nisso é explicitada a irracionalidade do discurso gerencialista que, para Gaulejac (2007), torna o trabalhador o responsável de tudo, e a empresa inocente de qualquer acusação.

Carlyle, o CEO da empresa aparece para saber o motivo da parada da produção. Quando o supervisor responde: “Ele foi exposto”, o CEO com expressão de nojo diz: “Não, não respire”, e o supervisor tem que tampar a boca. Carlyle



RELICI

ainda diz sobre Max: “A pele dele caiu por acaso? Eu não quero trocar aquela maca, tirem ele dali”.

Max só entrou na máquina de radiação, pois, assim como um escravo, estava acorrentado à situação do trabalho como forma de sobrevivência (OLIVEIRA; VALADÃO JUNIOR; MIRANDA, 2013). É o que Marcuse chama de escravos da civilização industrial, os quais existem como um instrumento, como uma coisa (MARCUSE, 1973).

Mesmo tentando agir de forma autônoma, utilizando a liberdade de pensamento defendida por Marcuse (1973), Max se vê preso a essa estrutura de poder, a dominação das organizações, e se ele não fizer aquilo, outro o fará. Ele então aceita a dominação da organização sobre si e acaba entrando na máquina, mesmo sabendo dos riscos. Max é tratado, então, como um instrumento prestes a ser descartado (GAULEJAC, 2007).

É relevante refletir que o supervisor, quem deu a ordem para Max entrar na máquina também é um cidadão terrestre. Ele não desfruta da vida dos cidadãos de *Elysium*, mas aceita as normas da corporação, pois acredita que são corretas. Ele acredita no discurso gerencialista proposto por Gaulejac (2007), como a única verdade (MARCUSE, 1973).

Para Marcuse (1973), esse discurso vem acompanhado da racionalização, que prediz a aceitação de uma única verdade, de uma única lógica, reduzindo a liberdade de pensar. Se o supervisor utilizasse sua liberdade de pensamento ele veria que estava expondo um ser humano a uma condição de risco de vida e teria outra atitude. Entretanto, o supervisor agiu de acordo com a única lógica dominante, e sua função nessa lógica era agir em prol da produtividade. É o que Marcuse (1973) afirma sobre o alinhamento das pessoas a essa lógica instrumental de modo a não mais questionar sua própria alienação. É a *mimese* vista pela figura do



RELICI

23

supervisor. Ele se identificou tanto com essa lógica para não ser excluído que não questiona suas decisões (MARCUSE, 1973).

### *Mais forte que um androide*

Nessa cena, Max atingido pela radiação está com seus dias contados na Terra. Ele então procura Spider, que é quem gerencia as idas clandestinas para Elysium. Spider só aceita levá-lo com uma condição. Ele terá que se tornar uma coisa. Eles instalam um exoesqueleto nele, que o deixará mais forte que um Androide. Sua missão é roubar os dados da cabeça de um cidadão de *Elysium*, as informações orgânicas. Max escolhe Carlyle, como uma forma de vingança, pois ele só está nesse estado de quase morte devido à empresa do CEO. Para Marcuse (1999), os seres humanos são maleáveis até mesmo em sua estrutura pulsional. Eles podem se tornar um robô. Eles podem ser computadorizados, mas também podem se recusar a isto.

Max recebeu o tratamento semelhante a um objeto, um utensílio, um instrumento em dois momentos: primeiro no momento em que teve que entrar na máquina, como se não fosse um ser vivo. Depois, em busca de vida aceitou a implantação do exoesqueleto em seu corpo. É a instrumentalização do ser humano dita por Ferreira (2016): a condição de escravidão não está relacionada ao trabalho em si, mas sim à redução das pessoas a um instrumento.

A oportunidade de cura em Elysium faz então com que Max aceite se tornar um escravo, acorrentado por um exoesqueleto. O tratamento do ser humano como uma coisa se reflete em aspectos da cena, como os materiais utilizados pelos “cirurgiões” clandestinos, que na verdade mais se parecem com mecânicos ou outra profissão que transforma carros ou outros objetos. Eles tratam Max como se não fosse humano. É muito relevante notar que ao acordar, Max não reclama estar sentindo dor, ele realmente se transformou em uma coisa.



RELICI

24

Max ao se tornar uma coisa, demonstra que quanto mais repressiva é a administração da sociedade, mais inimagináveis se tornam as formas como estes indivíduos administrados poderão romper com sua servidão e conquistar sua própria libertação (MARCUSE, 1973). Deste modo ele se torna uma coisa para romper o ciclo de poder em *Elysium*, se curar e se vingar do CEO Carlayle, tendo suas necessidades condicionadas, como salienta Peixoto, (2011), onde falsas necessidades são criadas de acordo com o interesse de grupos dominantes, pois Spider também tinha interesse direto nos dados de *Elysium*. A primeira falsa necessidade foi de entrar na máquina, a necessidade de trabalhar para sobreviver, como se não houvesse outra saída possível. A segunda falsa necessidade foi que para ir a Elysium ele precisava se tornar um robô, atendendo a interesses de poder. Essas falsas necessidades em sequência custaram a vida de Max. E a vida deveria ser desde o início a maior e verdadeira necessidade. O fim pelo qual todos deveriam lutar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho teve como objetivo discutir sobre a instrumentalização do ser humano no filme *Elysium*, se apoiando principalmente nas ideias de Marcuse(1973, 1981, 1999). Foi possível identificar no filme *Elysium* várias cenas que ilustram as ideias de Marcuse (1973) sobre o ser humano visto como instrumento. Destaca-se na trama, após uma sequência de implicações causadas pelo domínio da sociedade unidimensional, que Max aceita se tornar um robô. O predomínio do princípio da realidade sobre o princípio do prazer pode ser visto pela aceitação de Max em entrar na máquina de robôs. De acordo com os valores ditados pela lógica do mercado, ele deveria manter seu trabalho, sua liberdade de escolha foi condicionada, mostrando o maior de todos os paradoxos: a liberdade como forma de dominação.



RELICI

25

Outro aspecto a ser destacado foi o tratamento que ele recebeu quando tomou a carga de radiação. Max foi tratado como um instrumento, um mero meio para se conseguir a tão ditada produtividade. Após ter seus dias de vida contados, o único retorno que ele teve foi a mensagem de agradecimento dita pelo robô: “Obrigada pelo seu trabalho”. Ele trocou sua vida para garantir seu trabalho, o que mostra a inversão entre meios e fins. A verdadeira necessidade deveria ser a concepção do trabalho como um meio para garantir a vida, e não o contrário.

A principal contribuição desse artigo foi trazer algumas reflexões dessa discussão para a realidade da sociedade atual. As questões que emergem são: Qual postura é necessária para modificar o sistema? Quais são as verdadeiras necessidades do ser humano? Será que as pessoas realmente querem mudar esse sistema? Ou estão satisfeitas com a “boa vida” que tem levado em troca de uma liberdade administrada? Como mudar essa lógica, sabendo que vivemos em uma sociedade guiada pela lógica do lucro, dinamizada pelo consumo, e mantida pelo discurso do progresso?

Para Marcuse (1973, 1999), somente é possível pensar em uma mudança a partir do momento em que se toma consciência da servidão a qual o ser humano se sujeita. Não podemos ser meros instrumentos executores de ordens das elites dominantes. Assim, é necessário conforme defende Marcuse (1973, 1999) que se tome consciência dessa servidão para então passar a agir com autonomia e liberdade de pensamento. Entretanto, para que o indivíduo tenha consciência de seu poder de recusa e de que é possível uma postura não-conformista, é necessária uma mudança nas bases da sociedade, desde as primeiras instituições, a família, a escola, para então chegar ao mercado de trabalho.

O capitalismo sempre terá um discurso dinâmico e positivo para seus efeitos e seus adeptos. No entanto, é necessário romper com essa servidão para então alcançar as mudanças, sendo a primeira delas uma liberdade verdadeira, a



RELICI

26

valorização da vida e do ser humano como fim e o posicionamento do mercado e da economia como meios para uma vida mais saudável, mais confortável para todos e não só para as classes privilegiadas. Entretanto, essa visão ainda é vista como utópica, não atende ao princípio da realidade.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70. 2002.

DRAGO, P. A. Teoria crítica e teoria das organizações. **Revista de Administração de Empresas**, v. 32, n. 2, p. 58-64, 1992.

FERREIRA, P. T. M. Crime Corporativo e a Sociedade Unidimensional: conversações iniciais a partir da “Lama da Samarco”. In: **Anais do Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais**. 2016.

FRIDMAN, L. C. Próximos ou Separados? Ideias de Giddens e Bauman sobre as motivações para a política. **Lua Nova**, n. 92, 2014.

GAULEJAC, V. de. **Gestão como doença social**: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social. São Paulo: Ideias e Letras, p. 7-142, 2007.

GIOVINAZZO JR, C. A. Indivíduo, política e formação cultural: a derrota do pensamento e da experiência. **Revista Brasileira de Marketing**, v. 6, n. 1, 2007.

LINHARES, A. R. P. Um diálogo entre a modernidade líquida, o gerencialismo e teoria do reconhecimento no mundo do trabalho. **Gestão e Sociedade**, v. 8, n. 21, p. 715-734, 2014.

MARCUSE, H. **Aldeologia da Sociedade Industrial: O Homem Unidimensional**. Trad. GiasonePeruá. Rio de Janeiro. 1973.

\_\_\_\_\_. **Eros e civilização**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1981.

\_\_\_\_\_. Comentários para uma redefinição de cultura. In: \_\_\_\_\_. **Cultura e sociedade**. Paz e Terra. Rio de Janeiro. 1997. p. 153-175.

\_\_\_\_\_. **A grande recusa hoje**. Petrópolis: Vozes, 1999.



RELICI

MOTTA, F. M. V.; MARANHÃO, C. M. S. de A.. A “felicidade” ilusória dos comedores das flores de Lótus—um ensaio sobre as relações entre modernidade, publicidade e resistência. **Revista ADM. MADE**, v. 13, n. 1, p. 1-19, 2009.

PENAFRIA, M. Análise de Filmes-conceitos e metodologia (s). In: **VI Congresso SOPCOM**. 10 p., 2009.

OLIVEIRA, C. R.; VALADAO JUNIOR, V.M.; MIRANDA, R. Culpada ou inocente? comentários de internautas sobre crimes corporativos. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, v. 53, n. 6, 2013.

PEIXOTO, L. A. S. Marcuse: cultura, ideologia e emancipação no capitalismo tardio. **Estudos e pesquisas em Psicologia**, v. 11, n. 1, p. 156-180, 2011.

VANOYE, F.; GOLIOT-LÉTÉ, A. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Trad. Marina Appenzeller. Campinas: Papyrus, 1994.